



**REBELIÕES, GREVES, MANIFESTAÇÕES:** os primeiros meses de 2017.

**REBELIONS, STRIKE, MANIFESTATIONS:** the first months of 2017.

**Luis Augusto Vieira**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**

### RESUMO

O presente artigo, que se apresenta como relato de experiência, tem por objetivo destacar o processo de mobilização e luta dos/as trabalhadores/as que tomou o Brasil no início de 2017. Para tanto, recorreu-se à participação empírica e *in loco* do autor na maioria das manifestações citadas, tendo posteriormente aprofundado o estudo de seus aspectos através de sítios de internet, em jornais, blogs, “redes sociais”, dentre outras. Como resultado, verificou-se um ascenso nas lutas, com destaque à Greve Geral do dia 28 de abril e o papel protagônico das organizações, com destaque para as Centrais Sindicais e os mais diversos Sindicatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobilizações. Greve. Sindicatos.

### ABSTRACT

This article, which is developed as an experience report, aims to highlight the process of mobilization and struggle of the workers that took Brazil in early 2017. For this, we used empirical and on-site participation of the author in most of the manifestations cited, having later deepened its aspects through websites, newspapers, blogs, "social networks", among others. As a result, there was a rise in the struggles, with emphasis on the General Strike of April 28, and the leading role of organizations, especially the most diverse Trade Unions and Labor Union.

**KEYWORDS:** Mobilizations. Strikes. Unions.

## 1 INTRODUÇÃO

Dos debates nas esquerdas nacional a capacidade de mobilização e disposição de luta dos/as trabalhadores/as brasileiros certamente se figura como um dos mais controversos. Não são poucas as tentativas da historiografia oficial e dos aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 1984) em retratar e dar como certo seu acomodamento, mesmo com exemplos



comprovando e atestando nossa história de resistência – Confederação dos Tamoios, Balaiada, Quilombo dos Palmares, resistência contra a Ditadura Militar, dentre outros.

Recentemente, ao menos desde as greves de 2012<sup>1</sup>, passando pelas grandes manifestações e greves de 2013<sup>2</sup>, desembocando nas manifestações, pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, entre 2014 à 2016, até as rebeliões, greves e manifestações de 2017, atestam que os/as trabalhadores/as brasileiros/as continuam com disposição de luta.

Diante disso, buscamos reunir dados e informações com o propósito de responder às seguintes questões referentes as lutas no Brasil, no 1º semestre de 2017: como se deram as lutas nesse último período? a tal luta de classes, se faz presente?, e; qual o papel das organizações de esquerda nesse processo? Certamente, uma série de outras questões se fazem necessárias e pertinentes, porém, dado o caráter e alcance desse nos limitaremos a estas.

Destarte, conforme enunciado, o presente se figura como um relato de experiência e objetiva destacar o processo de mobilização e luta que tomou o Brasil no início de 2017. Para tanto, a participação empírica e *in loco* do autor na maioria das manifestações citadas, foram as principais fontes de informação, além do aprofundamento posterior através de sítios de internet, jornais, blogs, “redes sociais”, e outros.

Como resultado, verificou-se o ascenso e crescente nas lutas dos/as trabalhadores/as, com um claro recorte de classes, tendo destaque à Greve Geral do dia 28 de abril, e o papel determinante de suas organizações, com protagonismo das Centrais Sindicais e Sindicatos.

Por fim, o trabalho se apresenta respeitando a ordem cronológica dos fatos, considerando sobretudo o local onde se acompanhou presencialmente a maioria desses eventos, a capital São Paulo.

## 2 E NO INÍCIO... REBELIÕES.

O ano de 2017 se inicia com derrotas às esquerdas brasileiras: golpe parlamentar-midiático e judicial impetrado contra a presidenta Dilma Rousseff (PT); uma série de contrarreformas que impôs o congelamento em investimentos públicos por 20 anos (EC 95/16),

---

1 “Em 2012, [...] registrou 873 greves [...]. O resultado confirma a tendência de aumento do número de greves verificada a partir de 2008. As informações da série histórica também revelam que o total de greves cadastrado em 2012 é o maior verificado desde 1997.” (DIEESE, 2012, p. 2)

2 “Em 2013, [...] registrou 2.050 greves. Um crescimento de 134% em relação ao ano anterior, quando foram registradas 877 greves, e o maior número de toda a série histórica.” (DIEESE, 2015, p. 2)



e; a sensação de que as organizações dos/as trabalhadores/as não teriam muito o que fazer diante do “tsunami” de medidas que submetem, a classe a sacrifícios ainda maiores.

Contudo, logo nas primeiras semanas de Janeiro de 2017, rebeliões nos presídios tomaram conta do país e deixou em 15 dias, mais de 130 mortos<sup>3</sup>. Segundo noticiado, disputas de facções criminosas, por poder e território, teriam desencadeado as rebeliões – o que concordamos. Porém, não há como negar que as condições sub-humanas a que são submetidos/as os/as detentos/as Brasil afora, coloca-se sempre como “ponta de lança” em situações como essa. Naquele momento o sistema prisional abrigava a quarta maior população carcerária do mundo com a taxa de ocupação das prisões em 167%”. Dados recentes do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2017) atestam que atualmente temos a terceira maior população carcerária do mundo, com taxa de ocupação em 197,4%.

A ralé, que historicamente são trancafiados nos presídios brasileiros, demonstravam mais uma vez que não estavam dispostos a suportar calados as condições desumanas a que estão submetidos. Como noticiado, não foram poucos os mortos contabilizados nos presídios. Não quero dizer que as rebeliões tiveram como objetivo o enfrentamento ao golpe e o desmonte dos benefícios e direitos sociais. O destaque é para o fato de que não há como negar que tais rebeliões demonstram os limites dos “de baixo” quando submetidos a situações extremas, que as coisas não andavam nada bem no Brasil e que havia (e há), sim, disponibilidade para enfrentamentos e lutas.

Passado esse momento trágico – que não foi resolvido – assistimos no 1º semestre de 2017 um número crescente de manifestações, como há muito não se via..

### 3 GREVES E MANIFESTAÇÕES.

No mês de março assistiu-se duas importantes manifestações que deram a tônica do que viria pela frente. Refiro-me ao 8M e 15M: o primeiro com protagonismo massivo das mulheres, com protestos programados em mais de 80 cidades brasileiras, incluindo a participação na Greve Internacional de Mulheres, convocada por ativistas de mais de 50 países<sup>4</sup>; o segundo com manifestação e paralisação, organizado sobretudo pelas Centrais Sindicais, além de, Sindicatos, Partidos Políticos e Movimentos Popular e Social.

3 Fonte: Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/carnificina-em-presidios-deixou-mais-de-130-mortos-neste-ano>>. Acesso em: 4 out. 2017.

4 Fonte: El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/internacional/1488978217\\_293715.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/internacional/1488978217_293715.html)>. Acesso em: 4 out. 2017.



O 8M na capital paulista contou com ao menos duas manifestações – resultado de um suposto “racha” do ano anterior (2016)<sup>5</sup> – uma concentrada na Praça da Sé, convocada por várias entidades, com destaque para a Frente Brasil Popular e pela Marcha Mundial de Mulheres, cujo mote era, “Aposentadoria fica, Temer sai. Paramos pela vida das mulheres”<sup>6</sup>. A outra, concentrada na Av. Paulista, em frente ao MASP, convocada pela Frente 8M: Paralisação de Mulheres, que se articulou ao chamado internacional pela greve das mulheres no 8 de março, cujo mote central era, “Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós”<sup>7</sup>. Ambos os protestos se posicionavam contra as propostas de “reforma” da Previdência e Trabalhista, além da violência contra a mulher, do machismo e a favor da legalização do aborto – pautas atuais e históricas se entrecruzavam. O ato da Av. Paulista contou com mais participantes e uma pluralidade maior de sujeitos, aparentemente menos próximas a partidos e sindicatos, embora estes também estivessem presentes. Já no ato da Sé, Centrais Sindicais, com destaque à CUT e partidos políticos, PT, PCdoB (para ficarmos nos mais evidentes), estavam envolvidos diretamente na organização.

Ambos os atos se encontraram na Av. Brigadeiro Luiz Antônio, e pode ser constatado que um “mundo de gente” havia tomado as ruas – cerca de 30 mil pessoas – e a marcha seguiu até a Praça do Patriarca.

Destaca-se o enfrentamento e o recado que ambas as marchas deram aos que vivem da exploração do trabalho, denunciando a contrarreforma da previdência, e as mazelas do mundo do trabalho. Temos que, não dá para negar que a categoria trabalho continua marcante e de suma importância seja nos protestos, seja nas análises a serem feitas<sup>8</sup>.

Com isso, o 8M, organizado e capitaneado pelas mulheres, inaugurou o período movimentalista que descrevo, demonstrando com força e com vontade o que estava por vir<sup>9</sup>.

E fazendo jus ao que estava por vir, o 15M configurou-se como uma das maiores manifestações dos últimos tempos. Segundo noticiado, aproximadamente 1 milhão de pessoas se mobilizaram em todo o país para o Dia Nacional de Greves, Paralisações e Mobilizações convocados pelas organizações de esquerda. Destaque para as Centrais Sindicais, Sindicatos e

---

5 Fonte: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/grupo-faz-ato-em-sp-pelo-dia-internacional-de-luta-das-mulheres.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017

6 Fonte: Imprensa CUT. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/03/no-8-de-marco-mulheres-vaio-as-ruas-de-sp-contr-a-reforma-da-previdencia>>. Acesso em: 4 out. 2017.

7 Fonte: 8M Brasil. Disponível em: <<https://www.8mbrasil.com/>>. Acesso em: 4 out. 2017.

8 Houve no período da manhã, um ato chamado pela CUT Mulheres em frente ao prédio da Superintendência Regional do INSS, no centro de São Paulo, com o lema “Reajam ou Morram Trabalhando”, também denunciando a contrarreforma da previdência, e as mazelas do mundo do trabalho.

9 No mesmo período, há 100 anos, 1917, na Rússia czarista, as mulheres iniciavam movimentações e greves que viriam a derrubar o czar e ser um dos elementos determinantes no processo revolucionário daquele país.



à Greve Nacional dos/as professore/as que se iniciava naquele dia, tendo as Confederações e Sindicatos de docentes, como principais organizadores. A pauta que unia posições muitas vezes díspares era “Contra as Reformas da Previdência e Trabalhista” e pelo “Fora Temer!”<sup>10</sup>.

Em São Paulo Capital, as mobilizações, azeitadas por uma centena de professores/as da rede municipal em greve, além da participação massiva de outras categorias e da população em geral, viu a Av. Paulista ser novamente cenário de uma marcha que arrastou mais de 200 mil pessoas, além de paralisações nos setores produtivos, de transporte, comércio e serviços.

O destaque se deu pela força que as Centrais e Sindicatos (organizações aqui reconhecidas como clássicas), demonstraram nesse processo, e que demonstrariam novamente nos momentos subsequentes, além do caráter classista das ações.

E no dia 28 de abril tivemos, então, a Greve Geral, ou o que se convencionou chamar 28A. Milhares de trabalhadores/as atenderam ao chamado das Centrais Sindicais e cruzaram os braços, tendo como pauta unificada a luta contra as Contrarreformas da Previdência e Trabalhista e a Lei das Terceirizações, esta já aprovada e sancionada<sup>11</sup>.

A incerteza sobre o sucesso e alcance da greve pairava sobre aqueles que a organizavam ou se colocavam como apoio ao movimento paredista, afinal, passaram-se 20 anos desde a última Greve Geral. Muitos dos que se engajaram no 28A ou eram crianças durante aquela última greve e guardavam a insegurança de nunca terem vivido um momento como esse, ou adultos vivendo-a num momento distinto, em outro contexto da vida política brasileira. Aqui se evidencia um encontro de gerações que perpassa todas as mobilizações elencadas.

No dia da greve, na madrugada paulistana, impossível não assistir a um número considerável de carros particulares e alguns veículos de transporte coletivo circulando. Porém, a paralisação do transporte público (trem, metrô, ônibus) e o consequente fechamento de vias e postos de trabalho, pela força dos mais aguerridos e pela decisão dos/as trabalhadores/as em seu local de trabalho, não deixaram dúvidas sobre o alcance do movimento. Quem circulava pelas zonas centrais e comerciais parecia assistir à movimentação da cidade num dia de domingo, com poucos ou nenhum comércio aberto, e assim transcorreu durante todo o dia. Segundo noticiado, os comerciantes diziam que a greve geral foi “pior do que feriado”<sup>12</sup>.

10 Fonte: CSP-Conlutas – Central Sindical e Popular. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2017/03/15-de-marco-e-dia-nacional-de-paralisacoes-e-lutas-contr-a-reforma-da-previdencia-e-trabalhista>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

11 Como registro, tem-se que a primeira Greve Geral no Brasil ocorreu em 1917, há cem anos.

12 Fonte: UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/04/28/para-comerciantes-de-sao-paulo-greve-geral-foi-pior-do-que-feriado.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 1 nov. 2017.



Dois atos ao final do dia marcariam seu encerramento: um concentrado no Vão Livre do MASP, na Av. Paulista, que seguiu em marcha até o escritório da Presidência da República, na mesma avenida. Outro que se concentrou no Largo da Batata, rumo à casa do ilegítimo Presidente. O primeiro, chamado por algumas Centrais, com destaque para a CSP-Conlutas; o segundo, chamado por movimentos populares, com destaque à Frente Povo Sem Medo e ao MTST. O primeiro transcorreu sem maiores incidentes, já o segundo...

Durante a concentração no Largo da Batata, mais de 70 mil pessoas foram anunciadas pela organização do ato. Somando-se a esses, um bloco negro, ou “Black Blocs”, que vinha da Praça da Sé, seguiu o trajeto. Fazendo uso das táticas de Black Blocs, ou de ação direta, não tardou para que se presenciasse as primeiras vitrines de bancos estilhaçadas. Movendo-se rapidamente e com sinais para a ação (apitos e palavras de ordem), um grupo aproximado de cem pessoas atiravam pedras, paus e o que fosse possível em direção aos seus alvos. Alguns participantes da marcha tentavam impedi-las, mas era notório que a grande maioria apoiava o que acontecia.

Por fim, a marcha nem ao menos havia chegado ao seu destino e homens da polícia fortemente armados reprimiram brutal e violentamente quem conseguiu aproximar-se. No caminho de volta, mais repressão e bombas nos manifestantes, não importando se eram jovens, crianças, idosos, e, tampouco, se seus propósitos eram pacíficos ou não.

Ao final, e depois do 28A, os dados referentes ao número de trabalhadores/trabalhadoras que paralisaram (mais de 40 milhões<sup>13</sup>), o número de estados que se mobilizaram (26 mais o Distrito Federal<sup>14</sup>) e os prejuízos econômicos ao patronal (cerca de 5 bilhões nacionalmente e 1,6 bilhão em São Paulo, só ao comércio<sup>15</sup>), não deixaram dúvidas do sucesso e alcance da Greve Geral. Sem saber ao certo, o que se assistiu foi um feito histórico. Passadas as avaliações, tinha-se que a próxima Greve Geral seria maior e com maior impacto. O Fora Temer e a negativa à retirada de direitos pareciam mais próximos.

Nem se saiu da “ressaca” do 28A e já assistimos aos atos do 1º de maio.

13 Fonte: Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/29/40-milhoes-param-no-pais-ato-em-sp-reune-70-mil-e-termina-com-repressao-da-pm>> Acesso em: 1 nov. 2017.

14 Fonte: RBA. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/04/greve-geral-de-28-de-abril-ja-esta-na-historia-mas-promete-desdobramentos>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

15 Fonte: Correio Brasiliense. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/04/29/internas\\_economia,866028/greve-provocado-rombo-de-r-5-bi-no-comercio-brasileiro-diz-fecomercio.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/04/29/internas_economia,866028/greve-provocado-rombo-de-r-5-bi-no-comercio-brasileiro-diz-fecomercio.shtml)>. Acesso em: 1 nov. 2017.



Em São Paulo, os grupos dividiram-se ao menos em dois (compreendendo o campo progressista): um na Praça da Sé e outro na Av. Paulista, este com marcha até a Praça da República. Aqui a nova/velha cisão das esquerdas fez-se presente.

O ato da Sé foi organizado por setores que identifiquei como sendo do campo classista revolucionário, capitaneados pelas CSP-Conlutas, InterSindical, Pastoral Operária, partidos como PSTU, PCB e PSOL e setores do movimento social e sindical que, de algum modo, mantinham relações e ligação com as centrais e partidos descritos ou, de forma geral, com o campo político citado.

O segundo ato foi organizado por um campo comumente identificado como democrático popular, tendo a CUT, CTB, PT e PCdoB como principais entidades organizadoras. Contou ainda com o MST e MTST, além de outros setores e organizações que circundam nesse campo. Aqui uma disputa fez-se igualmente importante, qual seja, a tentativa do prefeito da cidade de São Paulo, João Dória (PSDB), de proibir a manifestação na Av. Paulista, o que foi parcialmente acatado; houve a proibição de *shows* e apresentações culturais, não impedindo a manifestação de realizar-se.

As pautas que se querem unitárias, ainda que não tenha havido unidade nos atos, foram as mesmas do 28A.

Além do divisionismo destacado, chamou a atenção também o modo como foram conduzidos os respectivos atos. O primeiro com um caráter marcado pela tradição do 1º de maio classista, com bandeiras, palavras de ordem, apresentações culturais e discursos que remetiam a isso; o segundo com uma característica mais popular, expressa nos grupos de cultura popular como dança, baterias de escolas de samba, entre outros, e pela diversidade de sujeitos e organizações presentes. Destacou-se, além disso, o montante de recursos destinados para ambas as ações. Se os primeiros não dispunham mais do que um carro de som e seus militantes empunhando faixas e bandeiras de suas organizações, os segundos, além de uniformizar a todo/as que desejassem com bonés, bandeiras e uma espécie de colete com a logomarca da CUT, ostentavam ainda poderosos carros de som (eram dois na Praça da República), e outros espalhados pela marcha, além de cantores e artistas populares. O primeiro com um baixo número de participantes, o segundo com uma quantidade considerável. Seja como for, a classe trabalhadora demonstrava disposição de organização e luta, uma vez que estávamos apenas no terceiro dia após a Greve Geral.

O mês de maio assistiu a Marcha da Maconha, no dia 06 e o Ocupe Brasília, no dia 24. O primeiro organizado por entidades que defendem a descriminalização e legalização do porte



e uso da maconha, o segundo convocado pelas Centrais Sindicais e respectivos sindicatos, além de partidos políticos e movimentos popular e social.

Organizado pelo Coletivo Marcha da Maconha, ou o Coletivo de Coletivos, como se descrevem, a manifestação saiu da Av. Paulista rumo a Praça da Sé. Chamou a atenção o número de coletivos feministas, que participavam da organização. Com o mote “Quebrar Correntes – Plantar Sementes”, muito humor, ironia e um recado claro à sociedade: “100 MIL PESSOAS fizeram sábado o maior ato de desobediência civil da história do Brasil ao participarem do MACONHAÇO pela legalização e contra a ‘guerra às drogas’”<sup>16</sup>. Embora minimizado e mesmo negligenciado pela mídia tradicional (como todos as manifestações descritas aqui), não há como negar que a pauta tomou corpo e o número de reivindicantes cresceu, e a cada edição da Marcha tem aumentado.

É mister destacar a pluralidade de pessoas que participavam do ato, desde aqueles que entendem que a maconha deve ser legalizada para uso recreativo, passando por aqueles que a cultuam como uma espécie de religião, àqueles que o fazem para fins medicinais, até desembocar naqueles que entendem que não dá mais para tratar a política de drogas do modo como tem sido conduzida no Brasil, ou seja, como caso de polícia – compreensão de todos/as que marchavam.

Com isso, mais uma marcha exitosa esteve em curso, ao menos no número de pessoas e no recado dado à sociedade.

Quanto ao Ocupe Brasília, em 24 de maio, não poderia ter sido mais expressiva a ação e marcha. Organizado mais uma vez pelas Centrais Sindicais, Sindicatos, Partidos Políticos, Movimentos Popular e Social, mais de 200 mil pessoas ocuparam as vias e a explanada dos ministérios em Brasília<sup>17</sup>, como pautas principais: “Contra as Reformas da Previdência e Trabalhista, pela revogação da Lei das Terceirizações e pelo Fora Temer”<sup>18</sup>, tendo ainda um enfrentamento desigual com a polícia, ao menos em equipamento bélico, a fim de demonstrar seu descontentamento e indignação com o que estava posto.

Como enunciado, a marcha que seguia pacífica não tardou a entrar em confronto com a polícia logo no primeiro bloqueio imposto. Na sequência, chegando ao local do ato, o que se viu foi uma verdadeira batalha campal com duração de mais de quatro horas. A tentativa de discursos nos carros de som posicionados em frente ao Congresso Nacional e as respostas de

16 Fonte: <<https://www.facebook.com/MarchaDaMaconhaSaoPaulo>> Acesso em: 1 nov. 2017.

17 Fonte: Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/05/25/com-200-mil-manifestantes-movimentos-populares-comemoram-exito-do-ocupa-brasilia/>> Acesso em: 1 nov. 2017.

18 Fonte: Esquerda On-line: Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/24-de-maio-ocupa-brasilia/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.



bombas de efeito moral pela polícia sobre os manifestantes marcaram aquele episódio. A situação ficou tão séria e fora do controle (para os governantes), que policiais destreinados e despreparados sacaram armas de fogo, havendo quem atirasse contra os manifestantes. O presidente da Câmara Federal solicitou a mobilização da Força Nacional, a qual foi prontamente atendido pelo Ministro da Defesa e pelo ilegítimo Presidente só que mobilizando o Exército. Aqui novamente destaque à CSP-Conlutas, que não se desmobilizou enquanto não viu a manifestação cumprir com o proposto. O saldo desse dia foi, uma pessoa baleada, muitos feridos e mobilização das forças armadas, porém com uma sensação de vitória, seja pelo número de pessoas em Brasília, seja pelo bravo enfrentamento às forças da reação, resultando em mais acúmulo de forças dos/as trabalhadores/as.

A força das ações e mobilizações desse e dos outros dias fariam crer que a Greve Geral do dia 30/6 seria também histórica e, quiça, maior. Com isso, chegamos a Junho.

Um “esquentar” no dia 20/6, para a Greve Geral em 30/6, colocava-se como preparatório ao principal acontecimento movimentalista daquele mês. Outras ações também foram engendradas em junho como o movimento pelas DIRETAS JÁ!, com manifestação no dia 4 de junho. Porém, a greve do dia 30 se colocava como o evento mais importante, mas não foi o que aconteceu.

As ações das Diretas Já, organizadas por artistas de forma independente, motivados pelo golpe e denúncias de corrupção envolvendo Temer (PMDB), arregimentou cerca de 100 mil pessoas no Largo da Batata, em São Paulo – uma semana antes, no Rio de Janeiro, número parecido havia tomado a orla de Copacabana. O movimento teve força de arrancada, mas não conseguiu espalhar-se da mesma forma Brasil a fora<sup>19</sup>.

No que se refere a Greve Geral de 30/6. Organizados mais uma vez pelas Centrais Sindicais, Sindicatos, Partidos Políticos, Movimentos Social e Popular, eivado de desencontros, desinformações, contrainformações e interesses os mais diversos, o dia 30 não teve a mobilização e impacto esperados e isso se preanunciou no dia 20. Neste dia em São Paulo, vários setores se mobilizaram, a chuva fina e fria que caía ao final da tarde na Praça da Sé, só contribuiu para espantar os que se dirigiam ao ato que fecharia aquele dia de lutas. A julgar pelo Ato, aquela greve não teria o mesmo impacto da anterior, e foi o que aconteceu.

De fato, a Greve Geral do dia 30/6, que pese o esforço sincero e honesto de muitos que se envolveram, não foi capaz de mobilizar o mesmo número de trabalhadores que se viu na

---

19 Fonte: Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/ato-show-por-diretas-ja-atrai-cem-mil-manifestantes-em-sao-paulo>> Acesso em: 1 nov. 2017.



Greve anterior. Setores importantes, como o dos transportes, não aderiram à greve na plenitude, além de outros que não conseguiram participar com o mesmo afinco. Aquele gosto amargo de derrota foi sentido novamente.

Assim, o 1º semestre de 2017, que acumulou ao longo de seus meses experiências exitosas na ação e luta dos/as trabalhadores/as, terminou parecendo anunciar o que se assistiu ao final de 2016, mais um ciclo de derrotas para a classe.

## 4 CONCLUSÃO

Como observado, a classe trabalhadora não perdeu seu potencial e disposição de lutas, realizando ações como há muito não se via. Passeatas, greves, piquetes aliadas a uma série de outras formas de enfrentamento se fizeram presentes. O uso das novas tecnologias, com ênfase à rede mundial de computadores, se colocaram em destaque, deixando um saldo positivo – ainda que as esquerdas deixem a desejar nesse quesito.

Constata-se também o caráter classista na maioria das ações empreendidas, não pairando dúvidas de que “classes” e “luta de classes” ainda se impõem na realidade concreta. Como afirmaram Marx e Engels, “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes” (1848, p. 2), as ações descritas corroboram com tal afirmação. E para aqueles que apregoavam o fim da luta de classes e o apassivamento dos/as trabalhadores/as brasileiros/as, podemos afirmar não ser isso o que constatamos.

Quanto ao papel das organizações, se assistimos ao imobilismo e às derrotas postas à classe, em grande medida se deve ao momento de avanço do conservadorismo em nível internacional e nacional, mas também ao vacilo e interesses outros das direções, que não estão em consonância com a disponibilidade de suas bases. Concordando com Trotski muitas direções têm mostrado seu “[...] caráter oportunista [...], sua covardia pequeno-burguesa diante da grande burguesia [e] os laços traidores que mantém com esta, mesmo em sua agonia.” (1936, p. 2).

Por fim, destaca-se que as diversas ações mostraram ser possível avançar na organização e unidade da classe. Foram várias as entidades envolvidas, com os mais variados perfis ideológicos; bastou colocar à frente o que une, e não o que separa. E que essa seja a tônica para os momentos vindouros.



## REFERÊNCIAS

8M Brasil. Disponível em: <<https://www.8mbrasil.com/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

AFP – Agence France-Presse. **Rebeliões, fugas e barbárie sem fim assombram presídios brasileiros.** 2017. EM, 2017. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/01/16/interna\\_internacional,839962/rebelioes-fugas-e-barbarie-sem-fim-assombram-presidios-brasileiros.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/01/16/interna_internacional,839962/rebelioes-fugas-e-barbarie-sem-fim-assombram-presidios-brasileiros.shtml)>. Acesso em: 04 out. 2017.

Brasil de Fato. **Cerca de 1 milhão foram às ruas contra a reforma da Previdência em todo Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/03/16/cerca-de-1-milhao-foram-as-ruas-contr-a-reforma-da-previdencia-em-todo-brasil/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Maior greve geral da história do país contou com 40 milhões de brasileiros.** 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/29/40-milhoes-param-no-pais-ato-em-sp-reune-70-mil-e-termina-com-repressao-da-pm>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

Carta Capital. **Carnificina em presídios deixou mais de 130 mortos neste ano.** 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/carnificina-em-presidios-deixou-mais-de-130-mortos-neste-ano>>. Acesso em: 04 out. 2017.

Correio Brasiliense. **Greve geral provocou rombo de R\$ 5 bi no comércio brasileiro, diz Fecomercio SP.** 2017. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/04/29/internas\\_economia,866028/greve-provocou-rombo-de-r-5-bi-no-comercio-brasileiro-diz-fecomercio.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/04/29/internas_economia,866028/greve-provocou-rombo-de-r-5-bi-no-comercio-brasileiro-diz-fecomercio.shtml)>. Acesso em: 1 nov. 2017.

CSP-Conlutas – Central Sindical e Popular. **15 de março é Dia Nacional de Paralisações e Lutas contra a reforma da Previdência e trabalhista.** 2017. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2017/03/15-de-marco-e-dia-nacional-de-paralisacoes-e-lutas-contr-a-reforma-da-previdencia-e-trabalhista/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Balanço das Greves de 2012.** Estudos e Pesquisas. N. 66. Maio 2013.

\_\_\_\_\_. – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Balanço das Greves de 2013.** Estudos e Pesquisas. N. 79. Dez. 2015.

DAMACENO, Victória. OLIVEIRA, Caroline & RAMOS, Beatriz Drague. **Ato-show por Diretas Já atrai 100 mil manifestantes em São Paulo.** Carta Capital, 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/ato-show-por-diretas-ja-atrai-cem-mil-manifestantes-em-sao-paulo>> Acesso em: 1 nov. 2017.

El País. **Dia Internacional da Mulher 2017: as manifestações pelo mundo.** 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/internacional/1488978217\\_293715.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/internacional/1488978217_293715.html)>. Acesso em: 04 out. 2017.



EBC – Empresa Brasileira de Comunicações. **Entenda a crise no sistema prisional brasileiro.** 2017. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/especiais/entenda-crise-no-sistema-prisional-brasileiro>>. Acesso em: 04 out. 2017.

GARCIA, Janaina e BEZERRA, Mirthyani. **Greve geral foi "pior do que feriado", dizem comerciantes de São Paulo.** 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/04/28/para-comerciantes-de-sao-paulo-greve-geral-foi-pior-do-que-feriado.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** São Paulo, Civilização Brasileira, 1984.

Imprensa CUT. **No 8 de Março, mulheres vão às ruas de SP contra a reforma da Previdência.** 2017. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/03/no-8-de-marco-mulheres-vao-as-ruas-de-sp-contr-a-reforma-da-previdencia>>. Acesso em: 04 out. 2017.

MACIEL, Camila e SOUZA, Ludmilla. **Mulheres vão às ruas em São Paulo em dois grandes atos para marcar o 8 de março.** Agência Brasil, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-03/mulheres-vao-ruas-em-sao-paulo-em-dois-grandes-atos-para-marc-o-8>>. Acesso em: 04 out. 2017.

**Marcha da Maconha.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarchaDaMaconhaSaoPaulo/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 1848. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017

RBA – Rede Brasil Atual. **Greve geral de 28 de abril já está na história, mas promete desdobramentos.** 2017. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/04/greve-geral-de-28-de-abril-ja-esta-na-historia-mas-promete-desdobramentos>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

SAMPAIO, Cristiane. **Com 200 mil manifestantes, movimentos populares comemoram êxito do “Ocupa Brasília”.** Brasil de Fato, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/05/25/com-200-mil-manifestantes-movimentos-populares-comemoram-exito-do-ocupa-brasilia/>> Acesso em: 1 nov. 2017.

SECCO, Lincoln. **As Jornadas de Junho.** In. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo. São Paulo, 2013.

TROTSKI, Leon. **Programa de Transição.** 1936. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000076.pdf>> Acesso em: 18 dez. 2017.